



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
OS LUGARES DE MEMÓRIA NA CIDADE ESQUECIDA

Maicon Dourado Bravo¹

André Luiz Portanova Laborde²

RESUMO

Transformação e desenvolvimento são termos que não dividem espaço com manutenção e preservação na sociedade de consumo. No que se refere ao patrimônio arquitetônico o caráter oneroso da restauração de prédios antigos é um entrave que força o casario ao chão. Muitas vezes um problema a mais é o desvinculo entre o casario e a identidade do grupo, entre a coisa e o seu valor coletivo enquanto símbolo que une os sujeitos de dada coletividade. O presente texto faz uma análise do lugar da Memória na cidade em tempos de globalização, utilizando o embasamento de Ecléa Bosi e Joël Candau acerca do conceito de Memória e seus lugares.

Palavras-chave: Patrimônio, Memória, Identidade, São José do Norte

ABSTRACT

Change and development are exclusive terms that dont combine with maintenance and preservation in the consumption society. About the architectural patrimony the onerous status of the old building recovery is a impediment that compel the historical center to the ground. Often a additional problem is the disconnection among the building and the group identity, among thing and its collective value while symbol that unite the subjects of give collectivity. The present text makes an analysis of the place of Memory in the city in globalization times, using the fundament of Ecléa Bosi and Joël Candau about the term Memory and its places.

Key words: Patromony, Memory, Identity, São José do Norte

¹ Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Educação Ambiental –Universidade Federal do Rio Grande; Pós-graduado em História do Rio Grande do Sul: Sociedade, Política & Cultura – FURG, 2007; Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Federal do Rio Grande.

² Doutorando do Curso de Pós-Graduação em Educação Ambiental – Universidade Federal do Rio Grande; Mestre em Educação Ambiental; Pós-graduado em História do Rio Grande do Sul: Sociedade, Política & Cultura; Licenciado e Bacharel em História pela Universidade Federal do Rio Grande.



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A manutenção de um patrimônio visa a conservação de traços representativos do grupo para as novas gerações, sua educação e sua formação cidadã. Ao se perceber perseverante no tempo em determinado espaço, o jovem sujeito é atado a laços identitários grupais que o aproximam do Nós e o diferenciam dos Outros, erigindo a identidade coletiva em sua subjetividade. Modos de pensar e agir, rituais e lugares sagrados são destacados dentro do cotidiano e do espaço da comunidade assumindo significados singulares para o sujeito em formação.

Para que se sinta pertencente ao grupo ele deve compartilhar os mesmos valores que os demais, deve adentrar a cadeia reprodutiva de símbolos e significados que seu grupo ostenta. Como coloca Michel Pollak (1992, p.5)

Nessa construção de identidade [...] há a unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados.

Se não há o eco do grupo os valores caem em desuso, a identidade está deteriorada e obsoleta, já não serve para representá-lo. O câmbio de identidades, mais comum hoje do que outrora, permite uma facilidade no manejo de diferentes valores, sejam étnicos, de gênero, de classe social, de família, locais, etc. Stuart Hall escreve: “[...] o sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (2004, p.12). Isso acaba por instaurar uma situação em que as facetas mais frágeis de uma identidade sejam absorvidas pelas mais fortes. Se a identidade de gênero, por exemplo, não dispõe das estruturas básicas para sua afirmação frente a outras identidades, acaba por ser vencida e absorvida por identidades contraditórias e hegemônicas. Sobre esse aspecto em específico se pode recorrer a Roberto DaMatta, que diz

[...] a relação sexual e o ato de comer [...] aproximam-se num sentido tal que indica de que modo nós, brasileiros, concebemos a sexualidade e a vemos, não como um encontro de opostos e iguais, mas como um modo de resolver essa igualdade pela absorção, simbolicamente consentida em termos sociais, de um pelo outro. [...] A relação sexual, na



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
OS LUGARES DE MEMÓRIA NA CIDADE ESQUECIDA

concepção brasileira, coloca a diferença e a radical heterogeneidade, para logo em seguida hierarquizá-las no englobamento de um comedor e um comido. (1993, p.60)

A identidade local, da mesma forma, se não é fortalecida e reproduzida, deixa de representar o grupo, que passa naturalmente a absorver diferentes valores para a sua constituição enquanto sujeito. Nesse sentido identidade, para Stuart Hall, significa

[...] o ponto de *sutura* entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos ‘interpelar’, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode ‘falar’. (2005, p.111-112)

Valores em grande parte veiculados pelos meios de comunicação de massa, que transformam o sujeito local em sujeito globalizado, que compartilha valores que não estão necessariamente vinculados ao seu tempo e ao seu espaço. Vale lembrar que dimensões como tempo e espaço são relativizados na atualidade com o advento da internet entre outras ferramentas midiáticas.

Ao seu redor as coisas, os gestos e as frases não têm um significado especial, não trazem nada daquilo que o sujeito considera como sendo o Eu. Isso é particularmente nocivo ao conceito de patrimônio, tanto material, que é relegado ao padrão de coisas comuns, profanas por assim dizer, quanto o imaterial, que uma vez abandonado, uma vez perdido o saber fazer, com dificuldades, quando muito, se recupera. Se pode associar o patrimônio ao sagrado, observando que “[...] para Chastel e Babelon, o ‘sentido de patrimônio’ é indissociável da ideia de culto, de sagrado, que só os grandes monumentos podem provocar” (Fonseca, 2005, p.70).

No caso do patrimônio material, em específico o arquitetônico, locais que contaram como palco para a vivência de ancestrais perde seu valor enquanto representante do grupo; casas que transpiram histórias e serviram de cenário para o drama humano são esquecidas e abandonadas. Se perde a riqueza da experiência que dá um pouco de significado ao local, importância à terra natal.

Tal perda de vínculos associada à onerosa medida de preservação, que impediria a descaracterização do casario, transforma aquilo que deveria ser um marco social da vida coletiva em um fardo pesado para o sujeito proprietário carregar, e ele luta com todas as forças para fazer valer



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
OS LUGARES DE MEMÓRIA NA CIDADE ESQUECIDA

seu direito a propriedade, superpondo-o aos direitos culturais coletivos, que pregam a oportunidade dos jovens sujeitos conhecerem um pouco de sua história.

É delicada, portanto, a situação do patrimônio histórico e cultural material, em específico em São José do Norte-RS, onde a estagnação econômica possibilitou a preservação de um rico casario em seu centro histórico³. Numa cidade onde a identidade local sofre o assédio, mesmo que ínfimo posto a escassa riqueza, do capital a ponto de se travar verdadeira batalha pela preservação – medida arbitrária e de pouco retorno se levadas em consideração todas as derrotas acumuladas pelos agentes preservacionistas – é urgente a introdução de medidas que visam fortalecer os vínculos que unem os valores locais aos indivíduos e ao tempo espaço, e que unem coisa e valor no caso do patrimônio. O destaque aos lugares de memória, pontos na geografia da cidade que evocam a reconstrução da existência de grupos e indivíduos inseridos na convivência oportunizada por esse ambiente, tais como mercados, praças, locais de reunião social, enquanto espaço de convivência e experiência do grupo é uma iniciativa para a educação patrimonial e o fortalecimento da identidade do nortense. Seguem-se então as reflexões sobre o lugar da Memória, do Patrimônio e da Identidade dentro da cidade globalizada.

A MEMÓRIA NO PATRIMÔNIO

Ao lembrar de algo e relacioná-lo com seu próprio passado, ou o passado do grupo, o sujeito está criando vínculos os mais diversos com o mundo a sua volta. Ao encontrar eco para uma percepção sensorial em sua memória ele dá significado à coisa ou ação que observa. O símbolo patrimonial que é representado pela coisa deve fazer sentido para o sujeito ou grupo que o observa para se constituir verdadeiramente num patrimônio.

Já diz Joël Candau:

[...] El patrimonio es el producto de un trabajo de la memoria que, con el correr del tiempo y según criterios muy variables, selecciona ciertos elementos heredados del pasado para

³ Conforme Bunse (1981, p.29) “[...] O município de São José do Norte teve de ficar à margem desses movimentos [de povoamento do Rio Grande do Sul], e vemos a sua estagnação: não se tornou foco de expansão, tão pouco era visado pela imigração. [...] Por outro lado, devido a esses mesmos fatores, o município conservou, como poucos, os traços de sua origem antiga.”



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
OS LUGARES DE MEMÓRIA NA CIDADE ESQUECIDA

incluirlos en la categoría de los objetos patrimoniales. Funciona eficazmente como “un aparato ideológico de la memoria”. (2002, p. 89-90)

Desse modo, o patrimônio seria a exteriorização e concretização da memória oficial em ações ou objetos, que visa formar e reproduzir identidades. Fonseca destaca o fato de que

[...] as análises críticas das políticas de preservação têm dado ênfase ao processo de construção dos patrimônios, visando a chamar a atenção para sua utilização como instrumento ideológico de legitimação do poder estatal. Ao criticarem o seu caráter elitista, atribuem-no apenas ao processo de seleção de bens, excludente, e que privilegia os monumentos identificados com a cultura dominante – que, no caso do Brasil, é a cultura luso-brasileira. (2005, p.44)

Mas cabe perguntar aqui de quem é a memória que o patrimônio representa? Pois que aquilo que para o Eu tem um significado para o Outro pode não representar nada. Fonseca destaca ainda na Introdução de seu “O Patrimônio em Processo”: “Em geral, as políticas de preservação são conduzidas por intelectuais de perfil tradicional que se propõem a atuar no estado em nome do interesse público, na defesa da cultura, identificada com os valores das camadas cultas” (2005, p.23).

Particularmente, sobre o patrimônio arquitetônico, a mesma autora coloca:

[...] Trata-se de um patrimônio pesado e mudo. [...] Pesado porque mudo, na medida em que, ao funcionar apenas como símbolo abstrato e distante da nacionalidade, em que um grupo muito reduzido se reconhece, e referido a valores estranhos ao imaginário da grande maioria da população brasileira, o ônus de sua preservação e conservação acaba sendo considerado como um fardo por mentes mais pragmáticas. (2005, p.26-27)

A manutenção de valores alheios ao grupo, ou ao menos distantes, que não são reconhecidos ou não têm significado em sua memória coletiva, acaba por se tornar ação obsoleta e inútil, pois o grupo não vincula aquele casario ao seu passado histórico. São coisas sem valor, casas velhas e vazias, caindo aos pedaços de tão inúteis. “Aos olhos da multidão, apenas o que é novo e intacto é belo” (Riegl apud Fonseca, 2005, p.68). Fonseca indica a dualidade coisa e valor no bem patrimonial

[...] é próprio das políticas de preservação estarem voltadas para as coisas e mesmo serem absorvidas por elas. [...] O objetivo dessas políticas acaba se reduzindo à proteção dos



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
OS LUGARES DE MEMÓRIA NA CIDADE ESQUECIDA

bens, convertendo-se assim as coisas no objeto principal da preocupação dos atores envolvidos. (2005, p.36)

Muito embora esse casario tenha assumido certo valor para o grupo em determinado período, atualmente ele permanece esquecido, por que a memória para ser mantida necessita ser transmitida. Se calar, o narrador, o sábio, o conselheiro, aquele que através da experiência concreta em vida adquiriu a capacidade de conduzir os passos dos mais jovens em seu caminho pelo mundo, priva os mais novos da reprodução de sua experiência. Os laços que ligam o grupo à coisa – as memórias individuais socializadas – são afrouxados até desaparecerem, o que oportuniza o desvínculo entre a coisa e o valor para o grupo. Não há significado em preservar um prédio velho, pois os velhos morrem e nascem os novos. O tempo do velho foi um tempo passado, não é o agora. Agora é o tempo do veloz e do ágil, do novo, do sagaz; o tempo do velho já passou. Ecléa Bosi indica que

[...] curiosa é a expressão *meu tempo* usada pelos que recordam. [...] O tempo que o homem considera como seu, é aquele onde ele concebe e executa suas empresas... A época pertence aos homens mais jovens que nela se realizam por suas atividades, que animam com seus projetos. (2006, p.421)

Walter Benjamin sabiamente afirma: “A *reminiscência* funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração” (1996, p.211). Ao privar o velho, o narrador por natureza, visto que dedicado à contemplação (Bosi, 2006, p.60), do convívio com o novo, ambos perdem, mas o novo é o único que perderá ingenuamente, pois ao ter de redescobrir o conhecimento e a sabedoria descobertos pelo velho, deixará de adicionar suas próprias sabedorias à vida do grupo.

Ecléa Bosi faz referência a uma lenda balinesa que fala de um lugar distante onde os velhos eram sacrificados. Precisaram os homens novos da aldeia construir um salão de paredes de troncos para o conselho mas não conseguiram: há muito já haviam perdido a experiência. Um velho que havia sido escondido pelo neto aparece e ensina a técnica da construção. Mais nenhum outro velho foi sacrificado naquela aldeia (2006, p.77).

Na alegoria desta lenda muito de verdade se pode abstrair, pois que os velhos são por excelência os mantenedores da memória. Eles podem dizer com autoridade os meios pelos quais se fazia e como era, podem afirmar e negar, pois lembram, e lembrar é sua função social hoje. A



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
OS LUGARES DE MEMÓRIA NA CIDADE ESQUECIDA

memória do velho dá significado à coisa sem valor, pois por menos que aquela coisa signifique, ocupou na vida do velho um papel.

A memória no patrimônio exerce função primordial, pois ela dá significado ao espaço julgado sem valor. O que dizer daquele velho prédio da esquina que está em ruínas, pronto para desabar, representando perigo para os transeuntes? Sua demolição possa representar de alguma forma uma diminuição dos riscos de que venham pessoas a se ferir com o despencar de pedaços de seu reboco ou telhas. Mas se, no passado, aquele prédio foi o armazém onde o jovem sujeito teve seu primeiro emprego, onde ascendeu na carreira, onde conseguiu dinheiro para montar o próprio negócio, e depois foi comprado por ele, quantas memórias deixariam de reverberar no espaço físico? Daquele indivíduo e de outros que compartilharam o tempo e o espaço com ele. Sobre a destruição do lugar e a resistência da memória, Ecléa Bosi afirma:

Podem arrasar as casas, mudar o curso das ruas; as pedras mudam de lugar, mas como destruir os vínculos com que os homens se ligavam a elas? [...] ‘As pedras e os materiais não vos resistirão’, diz Halbwachs, ‘mas os grupos resistirão, e, neles, é contra a resistência mesma, senão das pedras, ao menos de seus arranjos antigos que vos batereis. Sem dúvida esta disposição foi obra de um grupo. O que um grupo fez outro pode desfazer, mas o desígnio dos homens antigos tomou corpo numa disposição material, isto é, numa coisa, e a força da tradição local lhe vem da coisa da qual ela era imagem’. (2006, p.452)

Para além de uma preservação patrimonial sem nenhum sentido além da manutenção da coisa pela coisa, vale pensar numa preservação dos lugares de memória, nos pontos de convergência das memórias sociais. Um lugar de memória é “[...] una ‘unidad significativa, de orden material o ideal, a la que la voluntad de los hombres o el trabajo del tiempo convirtieron en un elemento simbólico de una determinada comunidad’” (Le Grand Robert de la Langue Française apud Candau, 2002, p.112). Esses mesmos lugares que agentes patrimoniais querem preservar, muitas vezes lutando contra proprietários, pois nem ao menos sabem o porquê da preservação além da ancianidade da coisa, são os lugares de memória do grupo, espaços de convivência e socialização de seus pais e avós que estão impregnados de experiências e lembranças. Ao sujeito alijado de uma memória e uma identidade local se dá significado, e os pontos aos quais esses lugares se atam se transformam em difusores da memória e, por conseguinte, da identidade.



OS LUGARES DE MEMÓRIA

As contrapartes físicas dos lugares de memória, tendo sido os espaços de convivência dos velhos, hoje estão enfrentando uma séria crise, pois que estão, em sua maioria, em estado de conservação precário. Estes lugares de memória foram ressignificados, são utilizados para fins diversos daqueles que eram há cerca de 50 anos atrás. No tempo dos narradores, que nasceram durante a década de 1920, o casario nortense era utilizado para fins comerciais, e várias eram as firmas de pequeno e médio porte que trabalhavam com a exportação de cebola encaixotada e peixes salgados.

O retorno há 50 anos atrás pode não representar o auge da economia nortense, ou o período áureo do patrimônio histórico, ou mesmo o tempo em que o casario era novo, mas marca um tempo no qual a memória ainda consegue se estruturar, no qual pessoas lembram do que acontecia no interior dessas casas e viveram sua vida ativa nesse espaço.

Sabendo que memória não é história, e não querendo destacar a história do patrimônio histórico – outros já o fizeram⁴ –, é importante trazer para o diálogo as pessoas que conviveram no interior desses prédios, e o meio mais interessante de fazer tal aporte é o método da História Oral. Conforme Jorge Eduardo Aceves Lozano, História Oral

[...] é um espaço de contato e influência interdisciplinares sociais, em escalas e níveis locais e regionais; com ênfase nos fenômenos e eventos que permitiram, através da oralidade, oferecer interpretações *qualitativas* de processos históricos sociais. [...] A história oral, ao se interessar pela oralidade, procura destacar e centrar sua análise na *visão* e na *versão* que dimanam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais. (In Amado e Ferreira, 2005, p.16)

Por meio de entrevistas e análises dos depoimentos coletados com os colaboradores se captou os vieses contidos em sua subjetividade, a personalização do discurso mnemônico.

Com o uso da História Oral se pode saber, por exemplo, da constituição dos prédios da orla de São José do Norte-RS, composta em sua maior parte de armazéns de exportação de cebola e peixe, dos trapiches que cada firma dispunha adjacentes ao cais e por onde escoavam a produção via

⁴ Para informações relevantes sobre o patrimônio histórico e artístico da arquitetura nortense confira Gautério, 1997; Miranda, 2006, e o conjunto de trabalhos dos alunos da Escola de 2º Grau São José do Norte, do ano de 1985, disponíveis na Biblioteca Municipal Delfina da Cunha, em São José do Norte.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

OS LUGARES DE MEMÓRIA NA CIDADE ESQUECIDA

marítima diretamente para os navios aportados em Rio Grande. Também da antiga fábrica de tijolos, da antiga fábrica de cordas, dos hotéis e dos movimentos sazonais que a pesca impunha aos pescadores. E inclusive de coisas mais antigas, como o funcionamento da Atalaia, conhecida certamente pelo ouvir falar típico da tradição oral.

Os espaços de lazer também são trazidos à tona da memória. O “Bafo Quente”, onde trabalhadores e operários relaxavam depois de um dia retesante de trabalho, servia o aperitivo. O bar do Agostinho Pontes recebia uma clientela mais sofisticada, e em meio a uma partida e outra de bilhar se bebia e discutia política e futebol: UDN e Partido Libertador, Juvenil e Liberal. Restaurantes, cinemas, armazéns, espaços onde a vida social fluía são lembrados pelo narrador descontraído, que sorri enquanto fala das conversas que se tinha em tais lugares. Clubes e bailes de carnaval, quando a energia elétrica não era cortada à meia-noite como de costume, mas era prorrogada até mais tarde.

Além da descrição dos lugares de memória, os narradores fazem questão, para o bom entendimento do ouvinte, de mencionar detalhes da faina diária em suas realizações na vida pública: o que alcançaram, em que ajudaram, onde foram, que ideias tiveram, como era o dia na salga, como era trazer a cebola de outros locais embarcada, como e em que épocas era a pesca, como era o trabalho no escritório e no cartório, etc.

Tais descrições estendem até o presente o passado histórico do casario e aproximam do sujeito ativo a experiência do sujeito contemplativo. Para além do peso histórico que preme quase que inutilmente o sujeito cuja identidade local está deteriorada, a memória dos lugares referencia o passado ainda vivo, busca testemunhas que atestem a resignificação do espaço e que indiquem o que houve entre aquelas paredes.

Assim os lugares de memória vêm fortalecer a identidade local, despertar naqueles que presenciam a ruína do casario um sentimento de identificação, de inserção, de conexão e vínculo entre a coisa e o grupo por meio dos valores revitalizados e atados à cultura local. Tal é o caminho para uma educação patrimonial.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
OS LUGARES DE MEMÓRIA NA CIDADE ESQUECIDA

RELEMBRANDO A CIDADE ESQUECIDA

Os lugares de memória, ao referenciarem espaços físicos presentes na experiência de velhos membros do grupo de cidadãos nortenses, são parte integrante do passado da cidade, são espaços nos quais se desenvolveram histórias de vida, vidas profissionais e sociais, índices da cultura, da política e da economia de São José do Norte-RS.

Ao fazer parte da contingência mnemônica como palco da encenação da vida estes lugares são marcos da identidade do nortense, pois que presentes nos relatos dos narradores. Os lugares de memória são, como se percebe no próprio termo, os lugares onde a memória impregna os objetos, paredes, janelas e portas. Lugares onde a memória se edifica. Joël Candau afirma que

[...] todo el arte de la memoria se funda en la construcción de un sistema de lugares (*loci*) y de imágenes: el orador primero define un itinerario a partir de una serie de lugares arquitecturales, ficticios o reales; luego de aprender de memoria este itinerario, fabrica imágenes de las informaciones que va a memorizar y las ubica en los diferentes lugares del itinerario, asimilados metafóricamente a tablillas de cera; las imágenes se disponen de tal modo que el orden del discurso y el de los lugares se confunden y, entonces, el recorrido (mental) del itinerario provoca la reminiscencia. (2002, p.37)

O lembrado ganha significado dentro do contexto da vida de um sujeito do grupo. Se um viajante incidental compartilhou com um membro desse grupo uma semana de sua vida que não elenca como relevante para sua história pessoal e assim não o recorda com facilidade, não será capaz de inserir os lugares em que conviveram em sua memória como o faz aquele que por anos seguidos experimentou aquele espaço. Tanto vale essa comparação para revelar que alguém distante no espaço não terá autoridade para lembrar bem, como vale para outro sujeito distante no tempo, como é o caso dos nortenses ativos atuais, que desconhecem o passado e a história do casario.

Os novos são incapazes de lembrar por dois bons e significativos motivos: não viram e não ouviram falar. Ecléa Bosi cita um experimento de Bartlett:

[...] quando Bartlett usou cadeias de sujeitos que reproduziam em série um relato, verificou nas sucessivas versões o mesmo tipo de mudança que a memória individual operava, porém em grau mais acelerado. No caso em que o sujeito *viu*, houve sempre um encontro face a face com o objeto original. Quando ele *ouviu falar*, a desfiguração é mais rápida, porque se



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
OS LUGARES DE MEMÓRIA NA CIDADE ESQUECIDA

um membro da série cai num erro de identificação, este se acentua à medida que se difunde.
(2006, p.419)

Não tendo sido contemporâneos dos velhos, eles não são testemunhas oculares; não se prestando a, ou não conseguindo, ouvir, eles desconhecem o passado. Só para os velhos, pois a memória ganha significado dentro da subjetividade criada pela identidade, aquele lugar representa algo. Sua destruição fragiliza o corpo identitário do grupo, pois transforma o espaço físico e retira da convivência aquele casario. Ao morrer o último que lembra, morrerá a memória, e os valores que aquele velho defendia não mais serão postos em cena.

O que se busca não é um retorno nostálgico ao passado, embora a nostalgia seja o tom vital da memória. O que se busca é o vínculo entre memória enquanto referência aos valores do grupo e o fortalecimento da identidade local por meio do destaque a essa memória. E a preservação do patrimônio, intimamente ligada à memória, é parte dessa proposta, uma vez que faz perseverar as lembranças dos velhos. Nessa relação complexa entre memória-patrimônio-identidade o destaque aos valores locais vem fazer frente às posturas hegemônicas e absorventes do mundo globalizado. Relembrar a cidade esquecida não é um apego ao tradicionalismo ou um retorno às raízes, mas um vínculo ao local, uma valorização ao trabalho dos antigos, dos quais herdamos um mundo pronto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da cadeia de raciocínio que conseguimos elaborar foi possível perceber o papel de máxima importância da memória e do patrimônio para o fortalecimento da identidade local frente às múltiplas identidades disponíveis no mundo globalizado. Ambos são signos dos valores do grupo à medida que são selecionados e modificados por ele.

De particular interesse é a relação que se estabelece entre a memória e o patrimônio, visto que cada uma representa uma forma – uma abstrata e outra concreta – desses mesmos valores. Uma pode servir de subsídio para a estruturação da outra, e ambas têm sua fragilidade bem marcada, pois podem se transformar ou extinguir muito rapidamente. Com relação ao patrimônio, a instituição do tombamento vem preservar o prédio de sua degradação ou modificação. No que diz respeito à memória o registro através da História Oral pode se prestar para sua conservação e divulgação.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
OS LUGARES DE MEMÓRIA NA CIDADE ESQUECIDA

Destacando e popularizando a memória se pretende estimular uma consciência patrimonial dentro do grupo. Trazendo para o presente o seu passado, se objetiva reativar os vínculos que ligam o sujeito ao local, de modo a manter viva a memória através do patrimônio. Indicando quais são, e por que são, os lugares de memória da cidade, aqueles sobre os quais os velhos estruturam suas lembranças, se visa a geração autêntica de patrimônios, para além da mera preservação da coisa, do culto vazio à arquitetura antiga, da ação interesseira e sem sentido da maioria dos agente patrimoniais. Pois que o patrimônio sem a sua identificação pelo grupo nada significa. O patrimônio de poucos não goza do mérito de representar os valores do grupo, tampouco busca trazê-los para dentro de si. São exclusividade desses poucos, enquanto que a maior parte desse grupo, herdeiros dos homens que construíram aquele mundo, são aliados dessa herança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Regina & CHAGAS, Mário (orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 7.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas, v.1)
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 13.ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.
- BUNSE, Heinrich A.W. **São José do Norte: aspectos ligüístico-etnográficos do antigo município**. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto/Instituto Estadual do Livro, 1981.
- CANDAU, Joël. **Antropología de la memoria**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.
- DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** 6.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo: trajetória política federal de preservação no Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, MinC, 2005.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu & PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
OS LUGARES DE MEMÓRIA NA CIDADE ESQUECIDA

- GAUTÉRIO, Dalila Marques. **Evolução urbana da cidade de São José do Norte**. Pelotas: UFPel, 1997.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 5.ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom (org.). **(Re)introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.
- MIRANDA, Charles da Silva de. **Carta de potencial arqueológico do centro histórico de São José do Norte**. Rio Grande: FURG, 2006.
- POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento, silêncio**. In: *Estudos históricos*. v.2, n.3. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1989. Disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf>, acessado em 30/08/2007.
- POLLAK, Michel. **Memória e identidade social**. In: *Estudos históricos*. v.5, n.10. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1992. Disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>. Acessado em 30/08/2007
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.